

NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES

CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011. 312 p. ISBN 978-85-220-1005-9

Vi o livro numa livraria no aeroporto em São Paulo. O preço: R\$ 49,90. Sistema de pagamento com cartões fora do ar! Interessado pelo título e após ter lido a contracapa, não resisti! Resolvi comprar e pagar com uma nota de R\$ 50,00. O caixa, evidenciando não confiar em sua memória, digitou numa calculadora. Hesitou. Precisou de um tempo e de duas rápidas olhadas na calculadora para me entregar o troco de R\$ 0,10. A ação de confiar o cálculo a uma máquina chamou minha atenção. Imediatamente comecei a indagar o que faz com que um jovem atendente dependa da calculadora para formalizar uma transação comercial? Hábito? Dependência... O cálculo não era complexo! Será que o jovem atendente não estaria demonstrando sintomas do que Carr chama no livro *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros* de “sobrecarga da informação?” (p. 26)

O livro foi traduzido para o português por Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. *Best seller* nos Estados Unidos em 2011, “*The shallows: what the internet is doing to our brains*” foi escrito por Nicholas G. Carr, mestre em língua e literatura americana formado pela Universidade de Harvard. O autor atuou em importantes jornais tais como *The Guardian*, *The Atlantic*, *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e o *The Financial Times*, dentre outros. Foi editor do *Harvard Business Review*. Escreve sobre economia, cultura e tecnologia. Seu artigo mais divulgado é “*Is Google Making Us Stupid?*”.

Os seis primeiros capítulos formam um excelente ensaio a respeito da história da leitura no mundo ocidental. Embasado em boas leituras clássicas e científicas, o texto permite ao leitor viajar pela história da escrita.

Discute com propriedade os assuntos relacionados à memória e ao cérebro. Reconstitui a trajetória do surgimento do relógio, do livro, das tecnologias utilizadas para a leitura. Segundo Carr, *“toda tecnologia intelectual incorpora uma ética intelectual, um conjunto de suposições sobre como a mente humana funciona ou deveria funcionar. (...) É a ética intelectual de uma invenção que tem o efeito mais profundo sobre nós. A ética intelectual é a mensagem que um meio ou outro instrumento transmite às mentes e cultura de seus usuários.”* (p. 71). O autor defende a importância da leitura profunda contida nas páginas dos livros impressos. *“Uma longa sequência de páginas reunidas dentro de duas capas duras revelou ser uma tecnologia extraordinariamente robusta, permanecendo útil e popular por mais de meio milênio.”* (p. 141)

O capítulo 6 é destinado à reflexão a respeito da leitura impressa e em ambiente digital. Segundo Carr, *“tão logo injetamos em um livro links e o conectamos à web – tão logo o ‘estendemos’ e o ‘intensificamos’ e o tornamos mais ‘dinâmico’ – mudamos o que ele é e também mudamos a experiência de lê-lo. Um e-book não é um livro, da mesma forma que um jornal on-line não é um jornal.”* (p. 146).

Os capítulos seguintes, do sétimo ao décimo, apresentam informações acerca de pesquisas sobre o cérebro, a memória, o excesso de informações, a web e a tecnologia dos hipertextos. Segundo o autor, *“a divisão da atenção exigida pela multimídia estressa ainda mais nossas capacidades cognitivas, diminuindo nossa aprendizagem e enfraquecendo a nossa compreensão. Quando se trata de suprir a mente com a matéria-prima do pensamento, mais pode ser menos.”* (p. 180). E polemiza: o que a net apequena é a fonte primária de conhecimento: *“a capacidade de saber, em profundidade, um assunto por nós mesmos, e construir, dentro das nossas próprias mentes, o conjunto rico e idiossincrático de conexões que dão origem a uma inteligência singular.”* (p. 198)

Para encerrar essa nota e deixar o leitor motivado a tirar suas próprias conclusões transcrevo uma passagem: *“A ironia do esforço da Google para trazer maior eficiência à leitura é que ele solapa o tipo de eficiência muito diferente que a tecnologia do livro trouxe à leitura – e às nossas mentes – em primeiro lugar. Ao nos libertar da luta para decodificar o texto rapidamente – lemos, se é que lemos, mais rápido do que nunca –, mas não mais somos levados a uma compreensão profunda, construída pessoalmente, das conotações do texto. Em vez disso, somos apressados para ir adiante até um outro pedaço de informação relacionada, e outra,*

e outra. O garimpo superficial do ‘conteúdo relevante’ substitui a lenta escavação do significado.” (p. 227)

Guardar informação na própria cabeça parece cada vez menos essencial. Voltei a me lembrar do atendente da livraria e sua calculadora! Se o sistema de cartões estivesse funcionando, a calculadora seria deixada de lado; ela tem memória artificial. “*Memória biológica é viva. Memória computacional, não.*” (p. 260). Como diz Carr: “*é difícil resistir às seduções da tecnologia, e na nossa era de informação instantânea, os benefícios da velocidade e da eficiência parecem ser genuínos, e seu desejo, indiscutível.*” (p. 304).

O livro destina-se a pessoas interessadas na influência da tecnologia nos hábitos de leitura e de escrita em ambientes digitais – letramentos múltiplos e multimodalidade.

Por/By: Acir Mario KARWOSKI
(Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM)
E-mail: acirmario@letras.uftm.edu.br